

---

Cardozo, M./ Heidermann, W./ Weininger, M.J. (eds). *A Escola Tradutológica de Leipzig*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2009, 369 p.

---

Este livro traz uma parte representativa da coletânea de textos dos principais teóricos da “Escola Tradutológica de Leipzig”, organizada por Gerd Wotjak, autodenominado “um colaborador não diretamente envolvido”, e lançada em 2006 na Alemanha, traduzida para o português por um grupo de professores da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina e colaboradores.

Os editores descrevem a obra como rigorosa em sua terminologia e relevante em sua temática, destacando as questões da pragmática e da estrutura textual, que, pela profundidade e heterogeneidade inerentes às reflexões nos trabalhos do grupo, vem hoje complementar as questões de ordem funcionalista dos alemães.

Otto Kade e Albert Neubert nos anos 60, seguidos por Gert Jäger na década seguinte, são os principais nomes da “Escola

Translatológica de Leipzig”. A leitura e o estudo de suas contribuições para os Estudos da Tradução servem às orientações para os acadêmicos e profissionais desse campo de conhecimento dadas por Mary Snell-Hornby em *The Turns of Translations Studies* (2006). A teórica defende o diálogo internacional e intercultural entre as diferentes escolas, abordagens e tendências na área, obrigando todos os envolvidos – sejam pesquisadores, teóricos, professores ou estudantes – a conhecer a História da Tradução e seus meandros. Para Snell-Hornby, a visibilidade do que vem sendo estudado e pesquisado nessa ciência faz-se imprescindível para sua instituição.

O pioneirismo da “Escola Translatológica de Leipzig” advém da explícita influência da conjectura político-social de uma das potências do extinto Bloco Soviético. Na República Democrática Alemã, o materialismo e o determinismo histórico compeliavam os cientistas a refletir seu objeto de estudo em seu contexto sociopolítico, a fim de considerar seus aspectos pragmáticos, muito além das demandas profissionais e leis do mercado.

Enquanto nos países da Europa Ocidental, a Linguística textu-

al e a “virada cultural” contribuíram para o desenvolvimento da Ciência da Tradução, as questões tradutológicas nos países socialistas são pesquisadas de modo autônomo da Linguística tradicional. Essa postura é inovadora, pois se dá anteriormente à produção científica da escola alemã de Heidelberg, elevando o valor científico dos Estudos da Tradução ao revelar outras nuances de caráter contextual, necessárias à compreensão de sua problemática, além de sua relação com a língua. A nova Linguística translológica, aprofunda aspectos levantados pela Pragmática e a Linguística textual, dentro de uma perspectiva sociolinguística.

Segundo Neubert, o texto a ser traduzido é unidade e ao mesmo tempo universo comunicativos, ultrapassando sua característica traduzibilidade linguística na busca por equivalências textuais determinadas por condições sociais concretas. Segundo o teórico, “translatos adequados levam em conta, em grande parte, as máximas da interação social efetiva através da língua, que consistem nos princípios cooperativos da quantidade, qualidade, relação e modo” (2009: 257).

Para os interessados na questão da tradução-interpretação, Kade esmiúça a problemática levantada primeiramente por Schleiermacher. Sendo a comunicação bilíngue o problema fundamental da translação, para o teórico, os “conceitos como *oral* e *escrito* não são suficientemente bem definidos para bastarem como critérios de distinção conceitual entre interpretação e tradução” (2009: 17).

A contribuição de Heide Pöhling “Sobre a história da tradução” prima pela terminologia científica, que é o diferencial da Escola Tradutológica de Leipzig, bem como pela clareza e coerência do texto. Pöhling traça um panorama da história da tradução, desde seus primórdios até o final do século XIX. O texto é dividido em itens temporalmente sequenciais, o que o torna didático, e apresenta comentários interessantes sobre a tradução no iluminismo alemão.

A autora elabora sua história da tradução atendendo a uma perspectiva social, ou seja, aborda a tradução enquanto fenômeno histórico, vinculada aos fatores políticos, culturais e econômicos de seu tempo: “o fenômeno da tradução deve ser entendido como

parte integrante da vida cultural e intelectual num dado contexto histórico, como um componente da superestrutura e, em consequência disso, como um encargo social” (2009: 53).

Há que se lembrar que o presente texto foi publicado em 1971, na República Democrática da Alemanha, destinando-se à divulgação num contexto político e cultural muito específico e restrito. A ideologia marxista subjacente, entretanto, não se impõe. No final do texto a autora observa, entretanto, que ‘a tarefa da Translatologia moderna’ deveria elaborar-se a partir “de nossas reflexões históricas, assim como a partir das exigências de nossa

prática socialista” (2009: 82).

Partindo de uma premissa histórica – e suas consequências na afirmação e no desenvolvimento de uma ciência da tradução – causa surpresa o fato de que, nessa empreitada tradutória, tenha havido uma escolha consciente e declarada dos organizadores de excluir conteúdos ligados à ideologia da época. Apesar da justificativa, persiste o receio de que esta postura seja limitante demais e exclua, *a priori*, diversas outras leituras, talvez bastante interessantes.

Andréa Biaggioni  
UFSC

Mariana Silva de Campos Almeida  
UFSC